

Arquitetura e Estado: Hospital Getúlio Vargas como expressão do poder em Teresina

Camila Figueiredo e Ricardo Paiva

FIGUEIREDO, Camila; PAIVA, Ricardo. Arquitetura e Estado: Hospital Getúlio Vargas como expressão do poder em Teresina. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e 513, out 2024

data de submissão: 24/04/2024
data de aceite: 10/09/2024

Camila FIGUEIREDO é Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal do Ceará; figueiredocamila97@gmail.com.

Ricardo PAIVA é Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor do PPGAU+U - UFC; ricardopaiva@ufc.br.

Resumo

No Brasil, a emergência do Estado Novo na primeira metade do século XX repercutiu na modernização de várias sedes políticas de estados do país, inclusive em Teresina, capital do Piauí diante da centralização política e ações de unificação nacional. Nesse cenário, o objetivo do artigo é analisar uma das obras mais emblemáticas do período, o Hospital Getúlio Vargas (1941), como uma expressão dessa busca pela modernidade articulada à legitimação do poder do Estado Nacional e o poder local. A metodologia se baseia em pesquisas bibliográficas e tem como alicerce para a análise fontes primárias e secundárias de desenhos e fotografias, suportes que viabilizaram o redesenho e a modelagem em 3D da obra. Portanto, o trabalho reforça a relação entre a conjuntura política e a concepção de obras públicas significativas na história da arquitetura piauiense e brasileira na primeira metade do século XX, que constituem acervos relevantes do patrimônio cultural edificado a serem continuamente documentados e conservados.

Palavras-chave: Hospital Getúlio Vargas, Estado, modernidade.

Abstract

In Brazil, the emergence of the Estado Novo in the first half of the 20th century had repercussions on the modernization of several political headquarters in the country's states, including Teresina, capital of Piauí, in the face of political centralization and national unification actions. In this scenario, the objective of the article is to analyze one of the most emblematic works of the period, the Hospital Getúlio Vargas (1941), as an expression of this search for modernity linked to the legitimization of the power of the National State. The methodology is based on bibliographical research and is based on the analysis of primary and secondary sources of drawings and photographs, supports that made the redesign and 3D modeling of the work possible. Therefore, the work reinforces the relationship between the political situation and the design of significant public works in the history of Piauí and Brazilian architecture in the first half of the 20th century, which constitute relevant collections of built cultural heritage to be continually documented and conserved.

Keywords: Getulio Vargas Hospital, State, modernity.

Resumen

En Brasil, el surgimiento del Estado Novo en la primera mitad del siglo XX repercutió en la modernización de varias sedes políticas en los estados del país, incluida Teresina, capital de Piauí, frente a acciones de centralización política y unificación nacional. En este escenario, el objetivo del artículo es analizar una de las obras más emblemáticas del período, el Hospital Getúlio Vargas (1941), como expresión de esa búsqueda de modernidad vinculada a la legitimación del poder del Estado Nacional. La metodología se basa en la investigación bibliográfica y se basa en el análisis de fuentes primarias y secundarias de dibujos y fotografías, soportes que



posibilitaron el rediseño y modelado 3D de la obra. Por lo tanto, el trabajo refuerza la relación entre la situación política y el diseño de obras públicas significativas en la historia de Piauí y de la arquitectura brasileña en la primera mitad del siglo XX, que constituyen colecciones relevantes de patrimonio cultural construido para ser continuamente documentadas y conservadas.

Palabras-clave: Hospital Getulio Vargas, Estado, modernidad.

Introdução

A gênese da modernidade arquitetônica no Brasil se relaciona dialeticamente com as transformações econômicas, políticas e simbólicas verificadas a partir da década de 1930, com o advento do Estado Novo. Nesse contexto, distintas manifestações dessa modernidade expressaram rupturas com a cultura arquitetônica historicista, na medida em que foram absorvendo princípios espaciais, funcionais, técnicos e estéticos emergentes, que se propagaram de maneiras distintas pelo território brasileiro, em ritmos que estiveram ligados especialmente às particularidades de cada lugar.

Em Teresina, capital do Piauí, a assimilação de valores da modernidade se deu, como em muitos outros lugares, por meio de uma “modernidade pragmática” (Segawa, 2010), produção que assimilava inovações tecnológicas e de linguagem, mas não se alinhava aos princípios eruditos do modernismo arquitetônico, constituindo um acervo considerável do qual se destaca o Hospital Getúlio Vargas – HGV (1950). Trata-se de uma obra com grande carga simbólica por materializar a relação entre a arquitetura e o Estado, além de representar um exemplar significativo da atuação dos engenheiros na capital, como Cícero Ferraz de Sousa Martins (1909 – 1988), ficando a cargo dele a adaptação de alguns desenhos desse projeto, vindos do Rio de Janeiro, às condições locais. O hospital é considerado por muitos como o bem edificado de maior repercussão política e arquitetônica na primeira metade do século XX em Teresina, e, nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a obra em questão como expressão da legitimação de várias instâncias políticas do Estado, articulando aspectos relacionados à sua produção, contexto e significado, além de sua preservação como patrimônio edificado.

Para tanto, a metodologia utilizada se baseia em pesquisas bibliográficas e na coleta de dados e fontes primárias, dentre os quais se destacam desenhos e fotografias, viabilizando o redesenho do projeto por meio da modelagem 3D. Quanto ao material disponí-

vel para o estudo, as pesquisas em acervos particulares resultaram na obtenção da atual planta baixa do pavimento térreo, assim como de suas fachadas. Essas peças gráficas permitiram que, através da análise da espessura das paredes, consideravelmente mais espessas que as demais, associadas à observação de fotografias que datam da época da inauguração, fosse possível traçar o contorno do que seria o projeto original que permanece em grande parte na configuração atual.

Em síntese, o trabalho constrói um percurso que parte de reflexões a respeito das primeiras manifestações da modernidade arquitetônica desenvolvida em Teresina na primeira metade do século XX, dentre as quais está o Hospital Getúlio Vargas, destacando como essa produção se insere na ideologia da construção e da não unificação do Estado Nacional, até finalmente empreender a análise da obra. Portanto, compreendendo a arquitetura como uma produção inevitavelmente contextualizada, é importante refletir sobre como a ideia de modernidade arquitetônica, não necessariamente erudita, foi assimilada de forma singular na capital piauiense, especialmente sob reflexo da conjuntura política do Estado Novo, a partir de obras de grande impacto como o Hospital Getúlio Vargas. O estudo reforça também a necessidade da contínua documentação dessa arquitetura de grande valor histórico e patrimonial, passível de descaracterização e desaparecimento.

A relação de poder entre o Estado e a arquitetura.

Segundo Guerra (2005), a relação umbilical que se desenvolveu no Brasil na segunda metade do século XX entre a arquitetura moderna e a ação estatal tem origem ainda na década de 1930, a partir do Governo de Getúlio Vargas, que impôs às oligarquias regionais um estado forte e onipresente. Isso se deu a partir da figura de um ditador rígido e populista, que imprimia sua hegemonia sobre os mais diversos campos da sociedade, como economia, arte e arquitetura. Nesse sentido, a arquitetura esteve intimamente atrelada aos interesses muitas vezes antidemocráticos desse regime, contando com a atuação de profissionais com conhecimentos técnicos necessários para a materialização desse ideário proposto, como os engenheiros.

Dessa forma, o Estado se situava como agente central na concepção dessa nova expressão da arquitetura de caráter público, sendo ela um mecanismo de construção e reafirmação da identidade nacional. Tratava-se

de um mecanismo comum em países da América Latina, carregando a incumbência de negar um passado que ainda deixava rastros de atraso em uma sociedade que ansiava por modernidade. A inserção no mundo capitalista, urbano e industrial era tida como necessária para a formação desse Estado Nacional forte e para a redenção dessa herança colonial (Gorelik, 2005).

Todo esse contexto foi produzido como consequência de uma dinamização econômica e ampliação do domínio estatal, que expandiu massivamente as encomendas públicas demandadas pela implantação das já citadas políticas de modernização varguistas. O incremento dado à esfera arquitetônica brasileira estava atrelado, portanto, ao novo perfil do Estado Nacional. Isso se deu dotando o país de que envolveram investimentos em transportes, educação, saúde, habitação, edifícios para a administração pública, dentre outros (Trajano Filho, 2018).

Em Teresina, um dos mecanismos de externar a modernização era o embelezamento, e este se dava através da arborização nos espaços livres, especialmente seguindo um alinhamento que simbolizasse ideais pragmáticos de ordem e progresso, enquanto a arquitetura e urbanismo também se valiam dessa mesma prerrogativa a partir de formas simples e geométricas nos traçados, como na praça Pedro II, e empregando o estilo Art Déco em prédios como Arquivo Público do Piauí (1941), Hospital Getúlio Vargas (1941), Cine Rex (1939) e conclusão do Liceu Piauiense (1936), além da construção da ponte de madeira sobre o rio Poti. Nesse sentido, Schramm (2015, p. 9) afirma que: "Dentre outras correntes que irrigavam, na década de 1930, o campo arquitetônico, o Art Déco foi, em larga medida, de uso predominante nos edifícios públicos construídos no período, no contexto da reorganização da burocracia do Estado Nacional". Defende-se, nesse cenário, o Hospital Getúlio Vargas como maior símbolo construído dessa modernização, por contribuir para a consolidação de Teresina como um grande centro médico regional (Santos Neto, 2002).

A "modernidade pragmática" em Teresina no século XX e o contexto sóciopolítico.

Quando se trata de modernidade arquitetônica, uma associação imediata é comumente feita aos preceitos defendidos pelo Movimento Moderno, difundidos entre as décadas de 1930 e 1950 no Brasil, inclusive no Nordeste. No estado do Piauí, o modernismo erudito só se consolidou na segunda metade do Século XX.

Entretanto, verifica-se ainda na primeira metade do referido século em Teresina, por meio de uma “modernidade pragmática” (Segawa, 2010), a ruptura com o historicismo e as transformações espaciais, funcionais, técnicas e estéticas na produção da arquitetura. Para Paiva (2008, p.11):

a “Modernidade Pragmática (1922-1943)” se desenvolve “à margem do modernismo engajado”. A modernidade desta vertente da arquitetura não se sustentava em nenhum pressuposto teórico ou conteúdo programático específicos, pelo contrário, se valia de influências múltiplas e contraditórias – o repertório clássico de composição decorativa associado ao uso de materiais modernos – que se manifestavam de forma diversa nas tendências art déco, nos exemplares de influências perretianas e no “monumental clássico” de matriz fascista.

Nesse momento de expressões distintas da modernidade arquitetônica, Hugo Segawa (2010) destaca o conceito de “Modernidade Pragmática”, no qual se percebe a coexistência de múltiplas referências, assim como inúmeras tentativas de produzir algo que fosse pertinente ao novo ideário, como é possível identificar a partir da estética com traços art déco e protomodernistas. Em Teresina, esse momento se deu especialmente a partir de 1935, com o início do governo de Leônidas Melo, desenvolvendo-se como uma expressão das ações e políticas centralizadoras de caráter econômico, político, mas também simbólico empreendido pelo Estado Novo, que emergia e exigia certas formulações estéticas, inclusive na esfera arquitetônica, que traduzia a influência dessa forma de poder.

Com esse contexto emergente, Teresina, através da gestão do engenheiro Luís Pires como prefeito, e o Piauí como um todo, buscavam estar alinhados às suas políticas, interessadas em construir a ideia de Brasil, assim como o simbolismo com o qual se identificaria a nação. Era necessário que o país se visse refletido na figura de seus governantes, e, assim como Getúlio Vargas representaria o Brasil, a ideia era que o interventor Leônidas de Castro Melo personificasse a imagem do Piauí (Santos Neto, 2002). Leônidas Melo esteve no poder de 1935 a 1937 como governador e interventor, ocorrendo através dele a materialização, em Teresina, da imagem “padronizada” que Vargas buscava construir em todo o país. Seu papel como interventor foi marcado por um grande volume de obras concluídas e iniciadas, muitas delas viárias, compreendendo o automóvel como um símbolo da modernidade, colocando-o como uma de suas prioridades nas decisões relacionadas às transformações da capital (Gutemberg, 2017). Associado a isso, o código

de posturas de 1939 aparecia como uma ferramenta impulsionadora das transformações da época, preconizando considerações sobre a forma como deveria se fazer arquitetura (Moreira, 2016). De modo geral, foi um momento transformador para a arquitetura e para a cidade, no qual Teresina recebeu uma série de intervenções, além de obras arquitetônicas de grande singularidade, capazes de traduzir a simbologia dessa modernidade pretendida, como é o caso do Hospital Getúlio Vargas (Figura 1).



Figura 1
Hospital Getúlio Vargas com dois pavimentos atualmente
Fonte: Ministério Público do Estado do Piauí, 2023

Hospital Getúlio Vargas: a obra da nova modernidade

No dia 14 de julho de 1937 foi sancionada a Lei de nº 148 na qual era autorizada a construção do Hospital Getúlio Vargas. A obra foi estimada em quatro mil contos de réis e tinha sua inauguração prevista para junho de 1939, posteriormente adiada para novembro de 1940, até que finalmente foi concretizada em 3 de maio de 1941, com o efetivo funcionamento apenas cinco meses depois. O hospital foi continuamente julgado como “elefante branco” pela elite que se firmava como implacável crítica do projeto. Era considerado



Figura 2
Hospital Getúlio Vargas com dois pavimentos (década de 1940) e depois da reforma com três pavimentos. Fonte: Therezina do Passado, 2022

uma construção suntuosa para atender os ricos e não os mais necessitados, enquanto os gastos elevados, superiores ao previsto, fizeram de Leônidas Melo alvo de acusações relativas à improbidade administrativa (Ramos, 2003) (Figura 02).

Em relação à análise da modernidade expressa na instituição, é importante destacar que o objetivo é compreender a sua proposta inicial ainda na época de sua execução por Cícero Ferraz, o que foi dificultado por não se ter acesso ao projeto original e, em função das múltiplas reformas, especialmente acréscimos, pelos quais a construção passou nas últimas décadas. Foram muitas as modificações a fim de se adaptar às demandas atuais, consolidando-se como o principal hospital da capital, o único apto a realizar procedimentos de alta complexidade (Figura 03).

No projeto do Hospital Getúlio Vargas é possível destacar relevantes considerações a respeito do contexto no qual foi inserido. Localiza-se na Avenida Frei Serafim, na época chamada de Avenida Getúlio Vargas¹ e o terreno escolhido se situava em uma região não mui-

¹ O nome da Avenida, inicialmente denominada de Getúlio Vargas, assim como o nome do hospital I (a princípio Hospital do Estado e posteriormente Getúlio Vargas) são indicações de como o poder do Estado nacional forte e simbólico.



Figura 3

Contorno do projeto original do HGV na planta atual.

Fonte: Acervo pessoal de Marcos Soarsan (Redesenhado pela autora)

to desenvolvida à época, à margem da cidade, onde anteriormente existia uma vacaria (Matos, 2017). Por representar uma construção de grande porte em meio a um entorno pouco edificado, ao hospital era atribuída uma monumentalidade bem aceita pelos propósitos modernizadores, assim como pela política getulista em vigor.

A avenida Frei Serafim representou, entre as décadas de 1930 e 1940, uma intervenção de grande protagonismo nas transformações da cidade. É notória a repercussão que o HGV teve no incremento de transformações pela qual passou esse logradouro na primeira metade do século XX, especialmente por se tratar de uma das primeiras e principais construções a se situar em uma área ainda pouco povoada, estimulando o es-

tabelecimento de empreendimentos e residências em suas proximidades.

Já em relação ao programa arquitetônico da obra em estudo, o Hospital Getúlio Vargas apresenta atualmente três pavimentos, dos quais dois foram entregues por Cícero Ferraz logo na inauguração. O terceiro, no entanto, só foi executado anos depois, apesar de já ter sido previsto pelo engenheiro desde o início, o que o fez deixar o prédio em condições adequadas para essa futura expansão, segundo relatos de seu filho, Augusto Martins, em entrevista concedida no ano de 2021. Quanto à sua arquitetura, o estudo do projeto foi baseado na comparação entre a planta baixa atual e fotografias antigas, tendo como um dos pontos de análise a espessura das paredes, delimitando o que seria o perímetro inicial do projeto. Nesse sentido, a edificação chama atenção pelo pátio interno que foi concebido no centro do corpo principal, conferindo possibilidades de ventilação no edifício e representando um “respiro” para os diversos ambientes do extenso programa (Figura 04) (Figueiredo, 2023).



Figura 4
Setorização do Hospital Getúlio Vargas (prédio principal)

Fonte: Produzido pelos autores com base no acervo pessoal de Marcos Soarsan, 2022

Em relação à setorização (Figura 04), é importante destacar que, mesmo os ambientes da atual configuração não sendo exatamente iguais aos que estiveram foram idealizados na proposta inicial, a lógica dos setores ainda é perceptível, e será analisada a seguir. Nesse sentido, partindo dos desenhos que foram acessados, é possível perceber que a parte frontal do edifício abriga um setor de maior contato com o público e de acesso menos restrito, contando com hall de entrada, recepção, sala de espera e até mesmo um dos auditórios, assim como salas de nutricionista e de medicamentos, dentre alguns outros que seguem esse mesmo critério.

Por estar mais próxima à entrada, representa também uma área de controle para o fluxo de pessoas nos ambientes mais internos, visto que alguns locais do hospital devem priorizar o acesso restrito. A planta é dividida em duas alas pela presença do pátio central, sendo o lado direito (leste) um setor contínuo que chega até o fundo do volume principal, abrangendo atividades mais resguardadas, apesar de não apresentarem restrições tão rígidas. Qual o sujeito desse verbo Sedium um grande número de salas de enfermaria, sendo elas consideravelmente amplas e acompanhadas de banheiro e sala de apoio, além de postos de enfermagem para administrar as demandas do setor.

Já no lado esquerdo, localiza-se um setor marcado por atividades de cunho mais restrito, voltadas para a dinâmica dos procedimentos cirúrgicos. É possível notar a presença de salas de cirurgia, de recuperação e de preparo de anestésicos, por exemplo, além de ser identificado nele um certo isolamento e acesso independente, o que, em função da natureza das tarefas, se faz essencial. Nesse mesmo lado, um pouco mais ao fundo, é possível perceber um outro setor sendo delineado, este mais voltado para a prática de exames, como o raio x, sendo notório, inclusive, um trabalho específico nas vedações dos ambientes ali localizados.

Ainda nesse trecho final da edificação, ao centro, foi idealizado um jardim de dimensões consideráveis, o que contribui para a criação de um ambiente mais agradável em um contexto hospitalar naturalmente adverso. Por fim, ainda nesse corpo principal, chama a atenção alguns espaços construídos que ocum o pátio central, sendo dois deles com um peculiar formato circular, atualmente utilizados como centro cirúrgico e sala de reuniões, enquanto os demais cumprem a função de circulação vertical, contendo escadas e ele-

vadores, além das demais que estão espalhadas em pontos estratégicos da planta.

É possível perceber, portanto, a modernidade presente no programa com base na setorização e preocupação em evitar conflitos entre as diferentes atividades. No entanto, embora exista uma setorização e zoneamento mais racional dos usos e funções, a forma simétrica e o apelo à tipologia do pátio de origem histórica prevalecem.

Quanto ao projeto e execução, é suposto que as plantas tenham vindo do Rio de Janeiro, ficando a cargo de Cícero as demais decisões projetuais, como por exemplo a implantação e adequação ao programa. Tratava-se de uma edificação com a estrutura em concreto armado e as vedações em tijolo, representando um importante marco na construção civil piauiense ao utilizar métodos construtivos não tão comuns no estado até então (Martins, 2021).

Por fim, é possível identificar que o Hospital Getúlio Vargas tinha como objetivo transparecer, através de sua concepção formal, a modernidade exigida na época, especialmente através da ordem e a abolição de ornamentos, diferenciando-se do viés historicista adotado nas obras institucionais construídas até então. Esteticamente, explorou formas puras e geométricas, ângulos e linhas retas através de frisos que se reportavam à linguagem do Art Decó, sobre o qual Cícero Ferraz demonstrou grande domínio formal e técnico quanto à execução, o que expressava seu conhecimento também na esfera arquitetônica (Figura 05).

Considerações finais

O argumento apresentado nesse estudo traz uma abordagem que explora a concepção de modernidade no campo da arquitetura a partir da associação entre essa produção e a dinâmica de poder que envolveu o período do Estado Novo no país. A compreensão da temática tem início com uma discussão sobre essa relação entre o poder do Estado e a produção arquitetônica da época, além do abordar o conceito de “modernidade pragmática” que estava impresso nessas obras, até que se direciona para o contexto piauiense, situando o quadro político econômico da capital Teresina em meados da década de 1930. Aborda, portanto, a forma como as autoridades locais, especialmente o interventor Leônidas Melo, se empenharam em construir a imagem de modernidade que reafirmasse o simbolismo desse poder sobre a sociedade, seja por intervenções urbanas ou grandes obras de arquitetura.

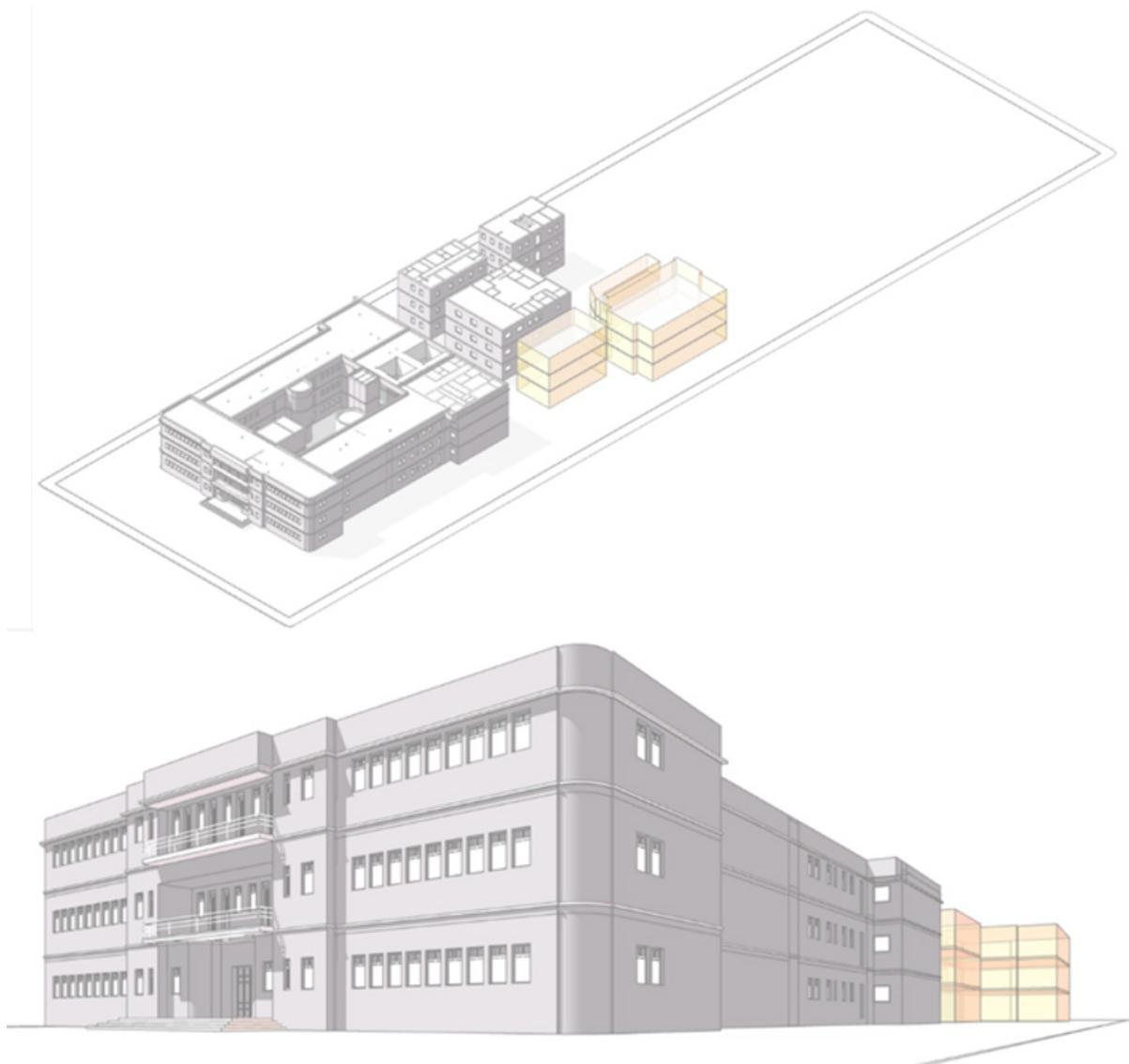


Figura 5
Volume prismático do Hospital Getúlio Vargas
Fonte: Modelado pelos autores, 2023

As análises se encaminham para o estudo de uma das edificações de grande destaque do período, o Hospital Getúlio Vargas, projetado pelo engenheiro Cícero Ferraz de Sousa Martins, que traduz essa atmosfera de modernidade em construção, além da carga simbólica inerente a uma obra de grande valor econômico e político. Nesse momento, destaca-se as particularidades projetuais do hospital, enfatizando questões como sua relação com o entorno da Avenida Frei Serafim, além da racionalidade de sua setorização, mesmo o programa estando inserido em um volume rígido e prismático no qual a forma não representa um resultado claro da função.

O estudo em questão também ressalta a importância de Cícero Ferraz, e dos demais profissionais de enge-

nharia, em função de seu reconhecido papel de intervir e remodelar a cidade, atribuindo aos centros urbanos uma nova imagem a partir da materialidade de suas obras e da carga simbólica que elas carregavam, firmando-se como importante agente produtor da modernidade. A estética adotada, os sistemas construtivos, e a adequação às premissas impostas pelo patrocínio do Estado fizeram de suas obras exemplos ainda remanescentes de como a política reverberou nas mais diversas áreas da sociedade.

Portanto, este trabalho, que compõe uma pesquisa mais ampla, estimula reflexões sobre o quão expressivas são as produções que emergiram na capital durante a primeira metade do século XX, mesmo que não privilegiadas por grande parte dos estudos acerca da arquitetura teresinense. Isso porque, mesmo não estando firmadas dentro de um movimento erudito, constituem um notável documento histórico e materializam importantes passagens e transformações econômicas e políticas do estado e do país, reafirmando seu valor enquanto patrimônio histórico que deve ser continuamente valorizado e preservado.

Referências

- FIGUEIREDO, Camila Soares de. *Arquitetura, cidade e modernidade: a obra do engenheiro Cícero Ferraz em Teresina, Piauí (1930-1950)*. 2023. 184 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- GORELIK, Adrián. 2005. "A produção da 'cidade latino-americana'". *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, 17(1):111-133.
- GUERRA, Abilio. *Arquitetura e Estado no Brasil*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 064.00, Vitruvius, set. 2005. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.064/420>> .
- GUTEMBERG, Paulo. *Guilherme Müller e a Invenção Visual de Teresina*. Teresina: Nova Aliança, 2017.
- MARTINS, Augusto. *Cícero Ferraz de Souza Martins*. Rio de Janeiro, 20. jan. 2021. Entrevista concedida a Camila Soares de Figueiredo.
- MATOS, Matias Augusto de Oliveira. *Avenida Frei Serafim: Lembranças de um tempo que não acaba*. Teresina: W LAGE - Alínea Publicações Editora, 2017.
- MOREIRA, Amanda Cavalcante. *Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.
- PAIVA, Ricardo Alexandre. *A Escrita da História da Arquitetura Moderna Brasileira: um palimpsesto*. In: *Seminário Latino-americano Arquitetura e Documentação*, 2008, Belo Ho-

rizonte. Anais Seminário Latino-Americano Arquitetura & Documentação. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, 2008.

RAMOS, Francisco Ferreira. *Memorial do Hospital Getúlio Vargas: Contexto Histórico-Político-Econômico-Socio-Cultural, 1500-2000*. Teresina: editora do autor, 2003.

SANTOS NETO, Antônio Fonseca. *Teresina 150 anos*. Teresina: Jornal O Dia, 2002.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Arquitetura do Estado Nacional: o estilo Art Déco e o edifício da Estação Ferroviária Central do Brasil*. 2015. 236f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2015.

SEGAWA, Hugo Massaki. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2010.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. *Arquiteturas e Estado no Brasil de Vargas (1930-1945)*. *Registros*, São Paulo, Vol. 14, n. 2, p. (71-87), jul., 2018.